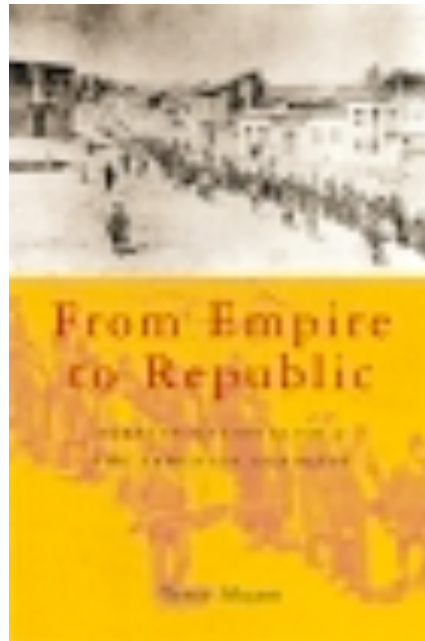


**Título:** *From Empire to Republic: Turkish Nationalism and the Armenian Genocide*  
(Do Império à República: o Nacionalismo Turco e o Genocídio Arménio)  
**Editora:** Zed Books, Londres e Nova Iorque, 2004, 273 pp.  
**ISBN (Paperback):** 1 84277 527 8

**Autor:** Taner Akçam

---



Taner Akçam é um académico turco que actualmente é professor visitante da *University of Minnesota, Twin Cities*, nos Estados Unidos. O seu percurso pessoal não é propriamente o dum normal professor universitário. Nascido na província de Kars-Ardahan, uma região geopolítica conturbada na vizinhança do Monte Ararat (*Agri Dagi*), que actualmente é a fronteira leste da Turquia com as ex-repúblicas soviéticas da Arménia e da Geórgia, seguiu, desde jovem estudante, a via do activismo político. Nos anos 70, um período bastante violento da história recente da Turquia que culminou com o golpe militar de 1980, foi editor-chefe dum jornal de cariz político, o que acabou por lhe valer a detenção e uma sentença de prisão. Conseguindo evadir-se e fugir para a Alemanha, fixou-se durante vários anos nesse país onde

---

foi investigador do Instituto para Pesquisa Social de Hamburgo entre 1988 e 2000, sob a supervisão de Jan Philipp Reemstma, o seu director executivo. Durante a sua permanência na Alemanha doutorou-se também na Universidade de Hannover com uma dissertação subordinada ao tema *O Nacionalismo Turco e o Genocídio Arménio: Na Retaguarda dos Tribunais Militares de Istambul entre 1919 e 1922*. No decurso dos seus trabalhos de investigação desenvolveu uma relação de amizade, à primeira vista extremamente improvável, com um académico norte-americano de ascendência arménia, Vahakn N. Dadrian, director de pesquisa sobre o genocídio do *Zoryan Institute* dos EUA. A invulgar amizade entre Akçam e Dadrian serviu de inspiração a um filme holandês realizado em 1997, retratando o «muro de silêncio» que separa os turcos dos arménios, e os esforços para o quebrar empreendidos pelos dois homens.

A leitura do livro de Taner Akçam não é fácil. Desde logo, porque uma boa compreensão do teor do mesmo pressupõe algum conhecimento prévio da realidade histórica e sociológica do Império Otomano/Turquia, bem como dos contornos da questão arménia. Depois, porque o livro de Akçam é, em grande parte, um contraponto à versão oficial, ou oficiosa, turca, sobre os acontecimentos de 1915-1917, que levaram ao desaparecimento praticamente total dos arménios da Anatólia. Este trabalho tem duas razões bastante óbvias para tornar o autor um mal-amado no seu país. A primeira razão reside no facto de Akçam, a par de Halil Berktaç e de Fatma Müge Göçek, ser um dos escassos intelectuais turcos que qualifica abertamente os acontecimentos de 1915-1917 como um genocídio, sendo o primeiro a publicar um livro com a palavra genocídio como título de capa. A segunda razão reside na sua visão «desencantada» dos acontecimentos que levaram à fundação da República da Turquia, a qual faz ruir a habitual visão laudatória da historiografia turca, e a sua quase «sacralização» dos principais intervenientes no movimento nacionalista liderado por Mustafa Kemal.

---

Analisando os seus conteúdos verifica-se que a obra foi construída a partir das perspectivas da História, da Sociologia e da Psicologia Social, numa abordagem abrangente, de tipo pluridisciplinar, sobre a identidade nacional turca e sobre o genocídio arménio no contexto histórico da transição do Império Otomano para República da Turquia. O texto é baseado em algumas pesquisas e publicações feitas anteriormente pelo autor, o que provavelmente está na origem duma certa repetição de ideias, a qual não invalida uma exposição geralmente feita com bastante precisão e clareza. Em termos documentais e bibliográficos, Akçam apoia-se em diversas fontes primárias, nomeadamente em documentos existentes nos arquivos otomanos, alemães, franceses e britânicos, bem como nos arquivos do patriarcado arménio de Jerusalém. Para além disso, há uma relativamente extensa bibliografia, onde se incluem diversos livros e artigos em turco, alemão, inglês e francês. Em termos de estrutura da obra, os diversos capítulos percorrem essencialmente as seguintes temáticas: (i) os problemas fundamentais com que se depara a Turquia de hoje; (ii) a identidade nacional turca; (iii) a homogeneização e a limpeza étnica da Anatólia; (iv) a decisão para o genocídio à luz dos Tratados de Lausana e de Sèvres; (v) as causas e as consequências da transformação da história turca num tabu; (vi) os principais obstáculos à reconciliação turco-arménia. O objectivo do autor foi (re)ligar duas abordagens que normalmente nunca se cruzam entre si: a abordagem que relata a história da partilha do Império Otomano feita pelas principais potências europeias, o espírito de luta pela sobrevivência contra estas, e os sentimentos fortemente anti-ocidentais da elite turca; e a abordagem que relata a história das perseguições e dos massacres, e, especialmente no caso dos arménios, o aniquilamento de grupos étnico-religiosos diferentes (pag. 1).

Na parte inicial, Akçam analisa os problemas da Turquia actual de uma forma bastante caústica, falando de um «comportamento hipócrita» e de uma «esquizofrenia societal»,

---

expressões que utiliza para caracterizar o «enorme desfasamento entre o *modus operandi* corrente da estrutura estadual, por um lado, e a realidade social, por outro» (pag. 16). À sua crítica contundente não escapam as diversas forças políticas, não tendo nenhuma delas «um programa político ou uma estratégia séria relacionadas com os problemas interno e externo do país» (pag. 20). Esta situação, algo bizarra, é explicada pelos princípios ideológicos em que se baseia a República, a que este prefere chamar «tabus», os quais são segundo este: (i) a sociedade turca não tem classes; (ii) não há diferenças culturais e étnicas; (iii) a Turquia é um Estado secular; (iv) nenhum massacre foi feito aos arménios; (v) as Forças Armadas são guardiãs destes princípios (tabus) e o papel das Forças Armadas dentro do Estado é objecto de um tabú. Nesta óptica, a história da República pode ser vista como a história das revoltas contínuas empreendidas pelos grupos sociais cuja existência não foi reconhecida pelo Estado, sendo o resultado final uma espécie de empate, sem nenhuma das partes conseguir atingir plenamente os seus objectivos.

Um tema fundamental do livro é a análise e a explicação dos acontecimentos de 1915-1917 que afectaram os arménios otomanos. O autor não se envolve nas controvérsias preferidas pelos historiadores turcos e por alguns historiadores ocidentais que lhe são próximos, sobre a não autenticidade dos «papéis andonianos», o carácter propangadístico do *blue book* britânico preparado por Arnold Toynbee e Lord Bryce, e o alegadamente reduzido número de vítimas da deportação. Provavelmente, a sua não intervenção nessas controvérsias deve-se ao facto de este considerar que «as fontes turcas que actualmente estão disponíveis têm informação suficiente para provar que o que aconteceu aos arménios em 1915 foi um genocídio, e para se efectuar a reconstrução da maneira como este foi organizado» (pag. 158). Naturalmente que se a realidade histórica for esta, as referidas controvérsias tornam-se praticamente estéreis. Na sua reconstituição histórica dos acontecimentos as principais responsabilidades cabem ao

---

partido dos Jovens Turcos e aos seus líderes, principalmente a Talât, que era o Ministro do Interior na altura da deportação, e a Bahaeddin Sakir que dirigiu as acções no terreno da *Teskilât-i Mahsusa*, numa decisão de extermínio que já teria sido tomada ao mais alto nível do CUP, antes do desencadear da I Guerra Mundial. Por sua vez, na explicação das razões que levaram ao apagamento dos acontecimentos de 1915-1917, Akçam põe o dedo numa outra ferida da memória colectiva turca: «condenando a história à obscuridade, os turcos não se contentaram apenas em livrar-se de todos os seus fardos. Acreditam que criaram uma identidade nacional turca inteiramente nova. Com este propósito apagam todas as desagradáveis ligações entre o genocídio arménio e a República de hoje. Uma das razões chave para evitar os discursos sobre o genocídio e a repressão da história da República é precisamente a ligação entre os dois assuntos» (pag. 237). A importância desta ligação é explicada mais à frente: «os organizadores iniciais do movimento nacional foram pessoas que participaram directamente no genocídio. Aqueles que puseram de pé as primeiras unidades das Forças Nacionais, em Mármara, no Egeu, no Mar Negro, e que tinham importantes posições nas mesmas, eram na sua maior parte procurados pelas forças de ocupação em Istambul, devido à sua participação no genocídio» (pag. 239).

Como se pode antever por estes breves excertos do livro de Taner Akçam, este aborda um assunto bastante denso e traumático para a identidade nacional turca. Na sua análise, quase psicanalítica, sobre as profundezas da psicologia colectiva do «nós», os turcos, o autor não se coíbe de ir ao seu «lado negro», algo que não só não é habitual, como será certamente muito difícil de digerir para um leitor com uma identidade nacional moldada pela historiografia oficial turca, que será certamente tentado a julgá-lo como anti-patriótico. Mais, a análise de Akçam obriga também a (re)pensar o próprio «eu», ou seja, a identidade individual, pelas interacções complexas que se estabelecem entre esta e a identidade colectiva, e até a

---

questionar a própria *turkishness*, o que não é um caminho fácil para ninguém que se situe dentro dessa cultura. Todavia, quando visto do exterior, e de uma maneira não emotiva, é sem dúvida um trabalho sério e corajoso, que contém reflexões invulgares e uma grande riqueza de informação histórica e sociológica. Vale a pena ser lido, e discutido, por todos aqueles que se interessam não só pela questão arménia, como pela história do Império Otomano/Turquia e pelos complexos processos históricos e sociais que estão associados à criação e gestão da identidade nacional turca, sobretudo agora que o país está cada vez mais próximo de se tornar membro da UE.

José Pedro Teixeira Fernandes